

4 Respeitável Público

A subida começa no início da Rua das Laranjeiras. A pé, disputo a calçada com outros tantos pedestres que também vão e vem, sobem e descem. Comércio, hospitais e bancas de jornal se multiplicam por todos os lados. Na rua, os carros, ônibus e táxis deixam no ar seus resíduos sonoros e gasosos. Apesar da aparente turbulência de cidade grande, a caminhada é agradável.

A inclinação da rua se anuncia tímida. A princípio, quase imperceptível se não fosse o ligeiro aumento de esforço sentido nas pernas. À medida que ela se intensifica, as árvores e casarões antigos vão se tornando mais frequentes e os carros menos impertinentes. O velho se mistura com o novo e o caos da cidade se mistura com a tranqüilidade de um bairro quase provinciano.

Passada a metade do caminho, já quando o cansaço começa a dar seus primeiros sinais, deparo-me com a igreja de São Judas Tadeu. Em frente a ela, ao lado da praça, os “gringos” se organizam para subir o Cristo Redentor de bondinho. Outras línguas se confundem ao falar alto dos taxistas e dos guias de excursão. Mas a caminhada continua. A subida vai se tornando cada vez mais intensa.

Deixo a Rua das Laranjeiras subindo à esquerda, perto do terminal de ônibus, chego a uma rua íngreme e esguia. Ela é estreita e quase imperceptível por trás das muitas árvores. Saio do calçamento de cimento e piso nas pedras que forram a rua. Como quase não passam carros, é mais agradável subir por ela do que pela sua ainda mais estreita calçada. O ritmo agora diminui. Cada passo é um esforço consciente. A testa começa a umedecer e depois a desprender gotículas de suor. Na direção oposta, desce algum morador do Cerro-Corá. Eu o cumprimento com um sorriso leve.

No topo da primeira subida, a rua se vira para a esquerda. Direção onde também se inicia uma escadaria, opção para os que sobem a pé, como eu. De um lado, existe um grande muro protetor da última grande casa e, do outro, mais árvores e mato. Os degraus são largos, e apesar de serem uma opção melhor do que subir pela rua, ainda são fatigantes. O som da Rua das Laranjeiras e dos seus carros começa a ficar mais longínquo. O ar torna-se ligeiramente mais agradável e

já se pode ouvir barulho de pássaros e cigarras. Mas estou ofegante e caminho ainda mais devagar.

Ao virar a última curva, começo a ver as casas. A arquitetura é confusa, casas coladas umas às outras, escadas que levam para outras casas que se sobrepuseram às inferiores, portas e janelas espremidas, roupas penduradas, cachorros soltos perambulando pela rua, postes de luz com múltiplos fios emaranhados. Algumas casas são de tijolo aparente, outras brancas e ainda há outras com cores fortes. Ao passar em frente às casas, que ficam só do lado esquerdo de quem sobe, as janelas abertas exalam o som de televisão ou de música. Do outro lado da rua, tem um muro longo, com uma ribanceira atrás e uma caçamba cheia de lixo.

Passo por alguns grupinhos de pessoas aglomeradas no meio da rua. Ou são mulheres cercadas de crianças, ou alguns adolescentes rindo. Parece não haver entre eles um sentido de urgência, de pressa. Conversam jogando papo fora. Quando passo, são sempre cordiais em responder aos meus cumprimentos.

Já não estou mais no “asfalto”. Agora são outras formas de se organizar, de passar o tempo, de conversar, de pensar e de sentir. São cartografias sociais distintas. Meu suor estampado e minha respiração ofegante atestam que não estou acostumada a subir todos os dias aquele morro. Não sou dali. Eu percebo isso, não por lembrar que eu venho de outro lugar, mas porque, no olhar deles, tem um leve fio de interrogação, uma leve curiosidade a meu respeito. Sou *estrangeira* ali. Nos termos de Simmel (SIMMEL, 1878), sou *estrangeira* porque não pertencço àquela configuração social, não estive ali desde o começo. Segundo ele:

O estrangeiro não está submetido a componentes nem a tendências particulares do grupo e, em consequência disso, aproxima-se com a atitude específica de ‘objetividade’. Mas a objetividade não envolve simplesmente passividade e afastamento; é a estrutura composta de distância e proximidade, indiferença e envolvimento. (SIMMEL, 1978, p. 184)

O olhar estrangeiro me é necessário, ao adentrar o universo estudado, pois, segundo Simmel, não estou amarrada às ações, valores e pensamentos daquele grupo, “pelo hábito, pela piedade ou por precedente” (SIMMEL, 1978, p. 185).

Com esse olhar, continuo a caminhar. Poucos metros a mais de subida e alcanço um pequeno platô onde se localiza a quadra. Antes da entrada, existe um

bar verde-musgo com uma placa escrita em letras garrafais de um lado “Bar Tipo Assim” e do outro “Tá na Moral”. Esse bar está sempre fechado no horário em que estou lá, exceto pelos dias de apresentação ou de festa promovidas pelo Se Essa Rua. Na entrada da quadra, muitas crianças correm, se penduram no muro e nas grades. No exterior da quadra, as paredes carecem de uma mão de tinta e percebe-se certa precariedade de instalações. Mas dentro da quadra, apesar da limpeza não ser exímia, as paredes foram pintadas há pouco tempo. Coberta de grafites gigantescos, na predominância da cor vermelha e azulão, a quadra é um orgulho para os participantes do SER. Em muitas entrevistas com os meninos e meninas, eles falaram que a mudança da quadra, organizada pelo SER, é uma boa melhoria trazida à “comunidade”. Como se pode verificar:

Entrevistadora: E aqui, na comunidade você acha que mudou alguma coisa? Depois que o Se Essa Rua veio pra cá?
 João: Mudou. Pintaram a quadra, porque antes a quadra era um bucado de buraco. Aí o *Se Essa Rua* veio pra cá coisou a quadra.
 Entrevistadora: Aí consertaram tudo?
 João: É.

Em entrevista, Queila afirmou que a quadra era antes utilizada pelo tráfico, chamada por ela de “movimento”. Nego da Bahia também afirmou que antes a quadra era toda pixada com as insígnias do Comando Vermelho. Muitas mães eram receosas de deixarem seus filhos brincarem lá por esse motivo, mas, agora, com a utilização do espaço pelo projeto, essa imagem está, ao poucos, sendo mudada.

Paulo Freire, ao falar especificamente do espaço da instituição escola, faz uma referência importante ao valor pedagógico de uma boa manutenção do espaço físico. Esse debate pode ser expandido a outros espaços educativos, mesmo que não formais.

É incrível que não imaginemos a significação do ‘discurso’ formador que faz uma escola respeitada em seu espaço. A eloqüência do discurso ‘pronunciado’ na e pela limpeza do chão, na boniteza das salas, na higiene dos sanitários, nas flores que adornam. Há uma pedagogicidade indiscutível na materialidade do espaço. (FREIRE, 1997, p. 50)

As aulas normalmente começam com certo atraso. Os “educadores” ficam esperando a chegada dos alunos. Aos poucos, vão chegando algumas crianças e

adolescentes que rapidamente vão encontrando alguma coisa para fazer. Alguns jogam futebol, outros pegam algum equipamento do circo, como o diabolô ou o monociclo, e começam a brincar de forma informal. Os “educadores” ainda não gerenciam essas atividades de forma incisiva. O que não os impede de interferir quando acontece ou está por acontecer algo que não condiz com as regras, mas, no restante do tempo, permitem aos meninos e meninas liberdade de se movimentarem.

Movimento, aliás, é uma palavra-chave para compreender a cena que se vê na quadra antes, durante e depois das aulas. Existe movimentação constante. Crianças grandes passando rapidamente por crianças pequenas, bolas voando sobre as cabeças, correria e agitação. Em meio a essa aparente confusão, fica claro que essas crianças e adolescentes possuem uma outra percepção de corpo e espaço. Mais do que isso, eles têm um aprendizado corporal completamente diferente do das crianças que não moram na “comunidade”. A agilidade com que se movimentam mostra o controle que possuem sobre seus corpos. Alguns se penduram na trave, outros dão saltos arriscados, mas em nenhuma das observações alguma criança ficou, sequer, levemente arranhada. Os corpos, que ocupam juntos o espaço da quadra, se entrecruzam, mas não se chocam. A apropriação do espaço é feita nessa imbricada relação do corpo, do movimento e da presença do outro.

Na observação dos corpos dos participantes do SER, podem-se perceber traços da sua identidade e cultura. O primeiro traço é a utilização do corpo como instrumento de diversão. A movimentação constante e a agilidade corporal são traços identitários compartilhados e valorizados pela grande maioria. Dentro do grupo, os que jogam bem futebol ou desempenham de forma exímia alguma atividade circense são valorizados. O atributo de agilidade física é muito apreciado neste grupo e até confere certo *status*. O segundo traço da identidade percebido nos seus corpos é que possibilita a sociabilidade. Eles se relacionam e se comunicam uns com os outros através dos seus corpos. Em todas as minhas observações, tanto as meninas como os meninos demonstravam afeição a mim com toques e beijos. O corpo servia como meio de demonstrar afeição. O mesmo acontecia com relação aos “educadores”. Mas, ao passo que os seus corpos comunicam sentimentos afáveis, também comunicam sentimentos de raiva e descontentamento. Não era raro ver algum desentendimento ser resolvido com violência física, um tapa ou um pontapé. Essa é, inclusive, uma preocupação dos

“educadores”. Tanto nas entrevistas como nas observações, eles pareciam preocupados com as brigas que surgiam e tentavam, através do diálogo, mudar essas atitudes.

Queila, em sua entrevista, relatou:

Nós tivemos aqui dentro, no Se Essa Rua, um menino que, quando ele chegou aqui, na primeira vez, ele não conseguia chegar perto da gente. O dois irmãos dele já faziam atividades com a gente e ele com o mais velho não fazia. E ele se escondia muito atrás da mãe. Aí, um dia eu perguntei: você não faz atividade conosco? Por que não faz atividade conosco? Teve um momento que eu levei a mão no ombro dele e ele se esquivou. Ele não conseguia nem a questão do toque. E aí a mãe falou: *ele é muito nervoso, ele tem problema às vezes na rua.* (...) Esse menino veio para cá a convite da gente e ele é uma outra pessoa. Ele não falava, não se expressava. Ele tinha uma questão de colocar a mão nele muito forte, sabe?! O toque, da afetividade, hoje... e outra coisa a mãe trouxe o retorno de como ele está na escola. Ele melhorou sensivelmente na escola, o relacionamento com a comunidade. Ele é outra pessoa. Para mim, o impacto é esse, eu acredito nessa proposta de trabalho.

Como já foi visto na análise documental do SER, o corpo é o ponto inicial para que possa haver troca, afeto, comunicação e expressão, portanto, é uma constante preocupação no transcorrer das atividades.

À medida que mais meninos e meninas vão chegando para a aula de circo, o material do circo vai conquistando mais adeptos. E, em breve, será a hora de iniciar a aula propriamente dita. Os “educadores” começam a mobilizar os meninos e meninas para o início das atividades. Esse processo é, quase sempre, um pouco demorado. A relação dos “educadores” com os participantes se dá, nesse momento, de forma pouco hierárquica: não existe uma convocação autoritária para que haja o cumprimento desta convocação. O que existe é uma constante negociação e argumentação para levá-los a entrar na rodinha. A princípio, esse processo parece ser cansativo e inútil, porém, com o decorrer da aula, percebe-se que, na verdade, o que acontece é que se institucionaliza uma relação mais horizontal entre eles. O que a princípio é um pouco caótico gera posteriormente maior possibilidade de “autonomia” nas crianças.

Quando finalmente a roda se inicia, todos dão as mãos. Os corpos servem de ilustração da atitude coletiva que se deseja instaurar. Durante a roda inicial, são desenvolvidas algumas atividades de aquecimento e de concentração. O corpo

entra em foco nessas atividades, tornando-se mais disciplinado. Não uma disciplina rígida e irrefletida, mas uma disciplina que permite a execução dos movimentos circenses, movimentos que podem ser perigosos se não forem feitos de forma correta, bem como uma disciplina corporal que permite o respeito ao outro. O fato das atividades terem começado, não significa, no entanto, que todos já estejam participando de maneira efetiva. Em uma das minhas observações, uma criança implicou com outra e, em segundos, ambas estavam correndo, desviando a atenção de todos da atividade. Neste instante, o “educador” pediu que todos fechassem a roda e não permitiu a reentrada daqueles até que refletissem e conversassem sobre o acontecido.

As “rodas”, tanto a inicial quanto a final, realizadas durante as aulas, são de fundamental importância dentro da metodologia utilizada pelo SER. São nesses momentos que ocorrem os questionamentos, os debates, os desabafos e quando se pode colocar em prática conceitos como “reciprocidade”, criticidade e “autonomia”. Em entrevista, Nego da Bahia disse:

A importância dessa roda no final é pra cada um...(pausa) Acho que é bastante importante. E ter sempre essa roda é para cada um no final colocar seus problemas, o que foi ruim, o que foi bom. Pra cada um colocar a sua emoção pra fora. Porque tem muitas pessoas, tem muitas crianças que são fechadas, não conseguem conversar, falar, se expressar de jeito nenhum. Então, através dessas rodas, eles começam a se soltar, a gente dá a palavra-chave e eles começam a se soltar, falar como que foi a atividade, se o dia foi bom, se foi legal, foi ruim. O que aprendeu, o que gostaria de aprender mais. Uma sugestão que a gente possa trazer no outro dia de brincadeira lúdica diferente. Acho que é super interessante, por isso que nós fazemos sempre essa roda. Por exemplo, se rolou uma briga, pra essa criança não ir pra casa e desabafar com os pais ela pode desabafar e tirar seu receio aqui na roda, sem briga. É melhor as crianças falarem na roda do que chegarem em cima dos seus pais e começarem a falar por seus pais e seus pais não gostarem. Então é legal falar na roda. É por isso que fazemos a roda. A roda é pra falar isso, pra tirar o que você sente. Por exemplo, se eu não gosto de um garoto, se eu não falar o que aconteceu pra ele, de repente amanhã ele vai tá bem diferente com esse colega. Acho que isso é legal. Por isso que a gente faz essas rodas no final das atividades.

Neste trecho da entrevista, a “fala” aparece como uma categoria importante. Os “educadores” dão importância a ela como instrumento de expressão e de resolução de problemas. E é justamente no momento da “roda” que

eles pretendem desenvolver a “fala” das crianças e adolescentes. A “fala” entra em oposição à briga. Os “educadores” conversam com os meninos e meninas sobre a importância dela como meio de resolução de problemas.

A “fala” é importante não só como meio de expressão, mas também como a forma de os “educadores” conhecerem os meninos e meninas que participam do projeto e, de certa maneira, suas identidades. No texto “Estudo de Caso – Família”, documento escrito pela assistente social do Se Essa Rua, Queila Vasni de O. Couto, é revelado como a “fala” das crianças e adolescentes, de uma família em particular, possibilitou o conhecimento de suas dificuldades por parte dos “educadores”. E, a partir deste conhecimento, Queila entrou em contato com a família para desenvolver um trabalho junto a eles, como ela relata no trecho abaixo:

As reflexões levaram a equipe a perceber que a morte dos pais ainda não tinha sido elaborada e que ninguém na família queria assumir o papel daqueles que faleceram. A falta dessas pessoas na família (pai e mãe) havia deixado uma lacuna na vida daquelas crianças e adolescentes e por essa razão a família ficou ‘desagregada’, acometendo um sentimento de abandono em todos – percepção identificada na fala das crianças e através do comportamento na convivência diária nas atividades do Projeto. (...)

Estava claro para toda a equipe que compreender o universo familiar de cada criança/adolescente contribui para a escuta seletiva da fala de cada uma no espaço de convivência das atividades do Projeto, favorecendo possíveis investidas junto a elas. (ESTUDO..., p .4 e 5)

Em entrevista, Queila enfatiza, mais uma vez, a importância do que ela chama de “escuta seletiva”. O interessante é que ela usa esse termo não só para a “fala” das crianças e adolescentes, mas também para a percepção das atitudes e do comportamento dos mesmos.

Quando o educador fica na atividade com a criança, ele conhece a história daquela criança. Ele fica alerta, ele desenvolve a escuta seletiva e começa a perceber e entender o comportamento daquela criança. E as fases. De repente uma criança passa a ser altamente agressiva e dizem: *eu estou estranhando essa criança*. Ao conversar comigo dizendo: *fulano está assim, assim, assado*, Eu digo: *está acontecendo isso e isso na família. Faço o elo. Aí é onde a gente vai dar mais atenção àquela criança que está naquela fase de conflitos em casa, ou com falecimento, alguma perda.*

A “fala” é importante, portanto, na medida em que os “educadores” possuem “escuta seletiva”. Essa “escuta” é incentivada em todas as atividades, mas é na “roda” que ela aparece de forma mais incisiva.

No entanto, no decorrer das observações, pude perceber que, muitas vezes, as crianças e os adolescentes ainda fazem uso da “fala” como forma de expressar agressividade uns com os outros, não demonstrando “reciprocidade” e “respeito”. Presenciei discussões verbais, algumas acabando em correria de uma criança querendo bater na outra. Mesmo na “roda”, era possível observar algumas trocas de agressões verbais. A maioria das situações era confrontada pelos “educadores”, mas, a meu ver, algumas situações não foram enfrentadas quando poderiam ter sido.

O texto “Conceitos Norteadores da Proposta Metodológica” chama esse momento de “círculo”, mas, no dia-a-dia e na prática das aulas de circo, ele acaba sendo chamado de “roda”. Sobre o “círculo”, esse texto acrescenta ainda:

O **círculo** é também momento privilegiado para o desenvolvimento de um processo gradativo de releitura da realidade, onde os educadores discutem situações relativas ao seu contexto social, familiar e comunitário constituindo a base de futuros projetos artísticos e sociais que irão nortear o desenvolvimento das suas ações futuras em grupo. (CONCEITOS..., p. 9)

Portanto, a “roda” possui também a função de levantar questões e debates relacionados à realidade que os meninos e meninas participantes do SER vivem. E, a partir desses questionamentos, pensar os “projetos futuros”, o que mostra claramente a pretensão de *metamorfose*. Essa idéia, ao meu ver, vai de encontro à teoria de Gilberto Velho de que a identidade parte do presente dessas crianças para, em cima disso, elaborar o *projeto*. O trecho do documento mostra também que a “roda” pretende construir esse *projeto* dentro de uma perspectiva coletiva.

Após a “roda” inicial, as primeiras atividades são de “aquecimento”. Essas atividades são sempre realizadas com tom de brincadeira. Na lógica do SER, o lúdico tem fundamental importância. As crianças e adolescentes se reconhecem dentro dessa lógica. Como já foi dito anteriormente, os corpos estão sempre em movimento e buscando a diversão. Portanto, atividades corporais lúdicas encontram respaldo na identidade dos participantes. Mas, apesar de ter o tom de brincadeira, não se pode negar sua importância no desenvolvimento corporal. Aos poucos, vão emergindo dos corpos agitados uma maior agilidade e concentração

corporal. A “educadora” Rita e o “educador” Nego da Bahia disseram, respectivamente:

E, assim, o circo ajuda muito na questão da concentração. Para fazer atividade de circo, precisa de concentração. E aí as crianças vão adquirindo isso também aqui no espaço.

Eu trabalho com o lúdico, a gente trabalha muito com o lúdico. Trabalha com aquela coisa de aproveitar a criança. De levar a brincadeira para a criança. Assim, claro que a gente, que nós, lá, trabalhamos com aquecimento normal. Mas nós sempre trabalhamos com aquecimento lúdico, com a brincadeira, sabe, com fazer com que as crianças se sintam felizes, sorriam mais, se entrossem entre a garotada, entre eles. Sem briga.

Nesta última fala, pode-se perceber que os “educadores” reconhecem o gosto das crianças pela brincadeira e tentam não só basear suas aulas nisso, como desenvolvê-lo mais ainda. Quando Nego da Bahia diz “aproveitar a criança”, ele está reconhecendo que os participantes do SER possuem uma identidade infantil.

Ainda nesta fase inicial das aulas, algumas atividades são em dupla ou em pequenos grupos. Cada um precisa encontrar o seu par independentemente. Mais uma vez, percebe-se que o espaço é gerado para que a “autonomia” floresça. As decisões que implicam o bem-estar das crianças e dos jovens são tomadas por eles próprios, fixando a idéia de que eles são autores de suas próprias histórias, ou, como o SER chama, são “jovens protagonistas”. A meu ver, para que qualquer educando possa efetivamente ser “protagonista”, é importante que, em todas as atividades, os seus saberes sejam considerados assim como sua capacidade de fazer escolhas. As pessoas aprendem ao fazer escolhas. Em uma relação onde a identidade do outro é valorizada, não pode haver imposição de idéias, atitudes e escolhas. Segundo Paulo Freire:

Uma educação que pretendesse adaptar o homem estaria matando sua possibilidade de ação, transformando-o em abelha. A educação deve estimular a opção e afirmar o homem como homem. Adaptar é acomodar não transformar. (FREIRE, 1979, p. 32)

No texto “Conceitos Norteadores da Proposta Pedagógica”, o SER estabelece que, no primeiro contato com as atividades de circo, deve haver um

momento que eles chamam de “sensibilização”. E, neste momento, a liberdade de escolha se faz presente, como se pode perceber no trecho abaixo:

O primeiro momento é marcado pelo brinqueado de investigação, as descobertas e escolhas. As atividades são servidas às crianças, adolescentes e jovens, que vão saboreando com liberdade para experimentação. Aos poucos, junto com os educadores, vão construindo seus planos de interesses, procurando compreender limites, possibilidades e desconstruindo possíveis valores negativos em relação a sua capacidade de aprender. (CONCEITOS..., p.10)

É interessante perceber, no fragmento acima, que existe a liberdade de escolha, mas que ela não existe sem a percepção de que existem limites.

Paulo Freire trabalha com a idéia de que o educador não é superior ao educando:

Por isso não podemos nos colocar na posição do ser superior que ensina um grupo de ignorantes, mas sim na posição de humilde daquele que comunica um saber relativo a outros que possuem um saber relativo. (FREIRE, 1979, p. 29)

Ainda segundo Paulo Freire, uma das características da consciência crítica, tão necessária à “autonomia” e ao desenvolvimento de uma relação horizontal, é a negação da transferência de responsabilidade. Cada um possui responsabilidades e transferi-las é aceitar o autoritarismo. Durante o decorrer das observações, pude perceber que os “educadores” buscavam questionar as crianças no sentido de levá-las a decidirem por si próprias.

Essa liberdade de escolha é importante, pois pode propiciar uma construção identitária mais “autônoma”. De certa forma, pode tornar mais democrática a *negociação identitária* que se dá entre a *identidade social virtual* e a *identidade social real*, citada por Claude Dubar. As crianças e adolescentes possuem, desta forma, maior gerência sobre qual identidade querem ter. A *negociação identitária* pode se tornar menos conflituosa e menos impositiva.

Após a roda inicial, começam as atividades circenses específicas. Todos participam juntos na coleta do equipamento que fica guardado num quartinho atrás da quadra. Os colchões, que são grandes e pesados, são carregados por várias pessoas. Dividir responsabilidades é bem diferente de transferi-las. É uma forma concreta de engajar os meninos e meninas, fazendo com que possam se sentir mais envolvidos e tenham maior gerência sobre as atividades, o que ajuda a gerar

mais “autonomia”. O fato de essa “autonomia” surgir em uma atmosfera onde as responsabilidades são compartilhadas pode contribuir, também, para a formação da idéia de coletivo baseada no respeito mútuo e numa relação mais horizontal. Nas pequenas atitudes desenvolvidas durante as aulas é que o coletivo vai se formando. De nada adiantaria debater e falar de “autonomia”, “respeito”, se o “educador” deixasse de vivê-las na prática. E de nada adiantaria ele viver essa prática, sem criar situações em que os meninos e meninas pudessem também pô-las em prática. Segundo Paulo Freire:

Está é a razão pela qual o trabalhador social humanista não pode transformar sua ‘palavra’ em ativismo nem em palavreado, pois uma e outra nada transformam realmente. Pelo contrário, será tanto mais humanista quanto mais verdadeiro for seu trabalho, quanto mais reais forem sua ação e a sua reflexão com a ação e reflexão dos homens com quem tem que estar em comunhão, colaboração, em con-vivência. (FREIRE, 1979, p. 54)

Nesse processo coletivo, o colchão é esticado, as cordas e os panos são soltos do teto e ficam pendurados, o equipamento é todo trazido para dentro da quadra. Cada criança escolhe uma atividade na qual deseja se engajar, fazem uma fila e começam a se animar esperando a sua vez. Um “educador” fica, normalmente, no trapézio e nos panos e o outro, na perna-de-pau, pois são as atividades que requerem mais ajuda e atenção.

O monociclo e as atividades de malabarismo são observados de longe, com ajudas ocasionais, quando necessário, mas, na maioria das vezes, são mais independentes. A ajuda, nesses casos, é fornecida também pelos próprios colegas. Enquanto se revezam para usar o material, algum amigo segura a mão ou dá alguma dica de como fazer melhor. Em uma das observações, havia dois meninos dividindo o monociclo e o que auxiliava dizia: “levanta o peito para frente.” E em um momento em que duas crianças faziam malabarismos usando claves, um outro disse: “vocês têm que olhar um para outro.” E quando faziam malabarismo usando as bolinhas, o “educador” orientou: “você está querendo jogar todas de uma vez. Tem que jogar uma de cada vez”.

Como o Se Essa Rua trabalha com a idéia de “multiplicadores”, não basta aprender, é preciso também ensinar a outros o que se aprendeu. No discurso das

crianças e adolescentes, essa idéia também está presente. Em algumas entrevistas, foi mencionado que havia o desejo de repassar o que haviam aprendido.

Aqui registro dois segmentos de entrevistas que revelam essa tendência:

Entrevistadora: Você acha que mudou alguma coisa na sua vida depois que você começou a fazer o Se Essa Rua?

Paulo: Mudou um pouquinho, sim.

Entrevistadora: Que você acha que mudou?

Paulo: Ah! Sei lá. Aprendi mais coisas. Acho que até posso ensinar os meus amigos que conheço que não fazem aqui. Aí, eu posso ensinar algumas coisas.

Entrevistadora: O que você ensina a eles?

Paulo: Ah! Ensino os básicos do solo, a fazer jabolô.

Entrevistadora: E o que você mais gosta de fazer de todas as coisas do circo?

Paulo: Gosto de fazer trampolim e trapézio.

Fátima: Tem umas ainda que acham que o circo é somente uma brincadeira. Um já estão levando mais a sério. Tem adolescente aí que fala: eu tenho que ensaiar porque eu quero aprender mais coisa, quero ensinar o que já sei. Já estão com essa mentalidade. Adolescentes que quando entraram era só uma brincadeira.

O aprender para ensinar torna a relação social mais horizontal, pois abre as portas para que todos possam ensinar e aprender, não somente os “educadores”. De certa forma, todos dividem o papel de “educadores”.

O aprendizado se dá no decorrer da vivência. À medida que as situações e os interesses vão aparecendo, os “educadores” e os colegas dão orientações e as crianças vão tendo a oportunidade de experimentar esse aprendizado como forma de vencer desafios.

No colchão, ou melhor, na passadeira⁴, as crianças e jovens executam movimentos de cambalhota, parada de mão, parada de mão envergada e, para os que já possuem mais experiência, saltos mortais. Nas atividades, nota-se que o limite e a capacidade de cada criança são percebidos e usados como base para que os novos aprendizados ocorram. Não existe uma lista de movimentos que todos devem cumprir, mas cada um se desenvolve dentro do que já sabe para, a partir daí, aprender coisas novas. A meu ver, qualquer educação que deseja respaldar-se nas identidades dos seus alunos deve considerar um processo de ensino-aprendizado em que as diferenças não só sejam percebidas, mas que se tornem o

⁴ A passadeira é um colchão longo, estreito e mais fino do que o colchão que fica embaixo do trapézio.

alicerce fundamental deste processo. A diferenciação é, portanto, fundamental para uma educação onde existe o respeito identitário.

A aceitação das limitações, capacidades e conhecimentos prévios é também a aceitação de identidade de cada um. As limitações não são vistas de forma taxativa, diminuindo as crianças e adolescentes, mas como desafios a serem vencidos. Essa pequena mudança de perspectiva pode fazer com que a auto-estima cresça ao invés de diminuir.

Como diz a “educadora” Rita:

Olha, eu acho que o circo, lá no Cerro-Corá, está modificando as crianças. As crianças precisavam de...elas até tem um espaço ali, uma quadra na comunidade que é a Quadra. Mas eu acho que as atividades de circo estão direcionando e está dando para a gente identificar o que cada um busca. Não são todas as crianças que freqüentam atividades de circo que gostam. Mas a gente começa a perceber no decorrer das atividades quem vai mais pro lado do circo, quem vai mais pro lado do teatro, da dança. Sabe, isso vai ficando bem claro. Aí, no caso, seria a opção de cada um, né?!

No meio da quadra ficam o trapézio e os panos. Neles, os meninos e as meninas sobem e se penduram com confiança no “educador” que está ao seu lado. Esse educador segura e solta nas horas em que sente que pode fazê-lo, e também usa palavras de encorajamento e orientação. O aprendizado que ocorre ali ultrapassa os limites da destreza física, eles aprendem a “confiança” e a interdependência. O aprendizado está imbricado da relação de alteridade e “respeito”. Mas, para desenvolver essas atitudes, é preciso que haja confiança. Uma menina, que estava, certa vez, nas pernas-de-pau, queria segurar as mãos de um dos educadores com força. Ele disse que ele é que tinha que segurar as dela. Ela afirmou, de forma jocosa, que não confiava nele. Ele respondeu que não a deixaria cair e que, se ela não confiasse nele, não daria certo.

Em uma outra vez, um menino que estava pendurado no pano ficou com medo. No princípio, o “educador” o encorajou a tentar. Mas, mesmo assim, ele continuou com medo. Esse limite foi respeitado e o educador ajudou o menino a descer. Apesar de haver debates e discussões orais sobre temas como “respeito” e “coletivo”, é nas situações cotidianas que esse aprendizado pode se tornar real e efetivo. Nas observações, ficou claro que se pretende abordar o assunto tanto no

nível do debate e do diálogo, bem como permitir que tais atitudes floresçam nas situações vividas por todos, mesmo que pequenas e aparentemente insignificantes.

Ao redor da quadra, nas paredes e grades, os meninos e meninas treinam andar de pernas-de-pau. É um movimento, a princípio, desengonçado, mas que vai, com o treino, se aprimorando. Os que ainda estão começando a aprender, precisam de alguém para segurar-lhes a mão. Quando se sentem um pouco mais confiantes, se arriscam sozinhos. Uma menina ficou radiante no instante que andou sem nenhum apoio. Um menino, em uma outra situação, havia sido desencorajado a usar as pernas-de-pau grandes porque ele era muito pequeno, mas, diante de sua insistência, Marco Aurélio o ajudou a subir e caminhar. O seu desejo era tanto, que ele se sentia capaz de superar o desafio. Essa superação de desafios é um aprendizado importante na construção da auto-imagem dessas crianças e jovens, pois pode facilitar a percepção de que são capazes. É um aprendizado que ultrapassa o circo em si. Essa percepção de que se pode superar desafios é de suma importância na construção de uma identidade. Sobre essa superação, a “educadora” Rita disse:

Olha, eu acho que muda como um todo, porque a criança vai se conhecendo. Às vezes assim é... ela nem sabe que tem aquele potencial todo. E aí a gente vai dando um toque assim: poxa você podia fazer isso, podia fazer aquilo. E aí ela vai observando e vai buscando essas coisas que a gente possibilita. Então, eu acho que o teatro ajuda as crianças que têm dificuldade em se relacionar, em se comunicar. Ajuda bastante mesmo. Eu vejo que tinha crianças lá nas atividades do Cerro-Corá que eram muito tímidas que nem abriam a boca. Ficavam iguais a um bichinho no canto da parede. Hoje em dia, chegam, conversam, entendeu?! Fazem atividades. Então, a gente percebe que houve mudança com atividades do circo, da arte-educação.

Essa capacidade de vencer desafios, tão bem empregada no circo, quando transposta para outras situações da vida, pode propiciar “transformação” e mudança. Na verdade, ela pretende gerar nos meninos e meninas uma “autonomia” necessária para que essa “transformação” ocorra a partir deles, sendo eles próprios autores dessas “transformações”, podendo ocasionar, em suas identidades, uma ampliação do *campo de possibilidades* e de *projetos* a serem desenvolvidos por eles. O *projeto* é, na verdade, um grande desafio, tanto no nível de formulação mental como no de execução. Gerar o maior número de

oportunidades de crescimento é, portanto, fundamental para que possa haver um real alargamento das possibilidades. Em uma entrevista, Marco Aurélio afirmou:

(...) está mudando também no sentido deles estarem conhecendo um mundo diferente do que eles estão acostumados a viver. Um mundo do circo, que é mundo de brincadeiras, de responsabilidade também, um mundo em que eles podem ver onde eles podem chegar futuramente. A gente tem saído com eles pra mostrar o trabalho em outros lugares. Mudou, está mudando no sentido deles estarem um pouco saindo da realidade em que eles estão acostumados a viver e poder ter a oportunidade de experimentar outra realidade.

A idéia de um “futuro” e da construção desse “futuro” de forma mais abrangente, garantindo maiores opções, está presente constantemente no discurso e no intento dos “educadores”. É uma categoria que faz parte da lógica do universo estudado. Quando esse termo é usado, sempre aparece não apenas como significado de tempo porvir, mas também como oportunidades e *projetos* que poderão ser vividos nesse tempo futuro. É a esperança de que existe a possibilidade de mudança. Possibilitar isso é possibilitar o *potencial de metamorfose*. Sobre isso, Marco Aurélio disse ainda:

A gente não só ensina as técnicas circenses, mas trabalha muito essa questão do ser humano, como cidadão do amanhã. Então, é um trabalho bem mais acompanhado com as crianças, aula mesmo. A gente passa básicos de malabares, até porque a gente não tem intenção de formar ninguém, mas sim ajudar o que ele venha a ser futuramente.

(...)

Um mundo do circo, que é mundo de brincadeiras, de responsabilidade também, um mundo que eles podem ver onde eles podem chegar futuramente.

(...)

Um espaço onde os pais sabem que as crianças vão pra lá pra aprender algo de bom futuramente. Os pais estão menos preocupados porque assim tem muitas crianças que não estão no projeto que ficam circulando pela comunidade, aí, chega polícia, bala perdida. São coisas que os pais, sabendo que as crianças estão lá dentro da quadra, ficam menos preocupados. E acho que, assim, que o mais importante é o pais saberem que os filhos estão num lugar que vai contribuir para a melhoria do futuro deles, entende?!

Sobre este mesmo tópico, a “educadora” Rita também afirmou:

(...) os dois trabalhos se complementam porque a gente também na arte-educação procura trabalhar com temas atuais que fazem parte do dia-a-dia da criança. E a gente está meio que costurando, tentando colocar a criança bem próxima a futuras oportunidades, sabe?!

A “educadora” Rita faz uma relação entre a realidade das crianças, do seu dia-a-dia, e essa possibilidade de “futuro”. Não há como discutir um futuro sem considerar o seu presente, sua identidade e seu contexto cultural.

Ana Paula afirmou em sua entrevista: “O impacto mais importante do projeto é quando vejo as crianças e adolescentes sonhando, fazendo planos, querendo ser mais.” (informação verbal). A meu ver, parece estar implícita em sua fala o fato de que o processo de “transformação” dos participantes do projeto passa pela criação de “projetos” ou, nos termos dela, “planos”.

Já Cláudio, coordenador de projetos do SER, faz uma distinção em sua entrevista que considero importante no debate a respeito da “transformação” que o projeto pode ou não ocasionar. Ele distingue entre “resultados” e “impacto”.

(...) a relação de impacto e resultado é que você está deixando isso um pouco mais na mão da autonomia dele. E você não fica maluco tentando mudar a vida dos outros. Acho uma coisa muito feia. Acho coisa de sogra, de vizinha fofoqueira, querer saber o que é certo e o que é errado na vida do outro. Não é bem isso que a gente quer fazer, a gente quer fazer junto um monte de coisas. (...) Não é entrar na família dos outros e consertar os parafusos ferrados dos mecanismos previamente estabelecidos do funcionamento legal de uma família. Não é bem isso. (...) Então, é o que eu falava do impacto e do resultado. Tem alguns resultados que a gente espera e tem outros que a gente coloca como impacto. O impacto já fica como produto do que pode vir a acontecer, mas não está nas nossas mãos. O resultado depende da nossa ação direta. Por exemplo, vou montar um curso de oficinas de circo para crianças de seis a doze anos. O resultado direto é as crianças participarem das oficinas de circo. Isso é resultado da minha ação. Se eu não faço oficina, não vai ter. Mas se isso opera ações na vida deles, eles se tornam pessoas críticas e montam associações de moradores, centros culturais, companhias de circo e lutam pelos seus direitos. Isso é impacto. Não depende de mim, é ser muito abusado para achar que vou mudar a cabeça.

Na distinção que Cláudio propõe, está presente uma outra idéia de “transformação”. Na “transformação” há espaço para a “autonomia” de cada um. O projeto Dando Bola, como ele mesmo diz, não pretende impor mudança de vida a ninguém. A mudança não é um “resultado” direto do trabalho desenvolvido. Ela

pode sim ser um “impacto” se os participantes assim o desejarem. O que revela, em seu discurso, uma tentativa de horizontalização do processo de “transformação”. Como ele mesmo diz, o projeto não pretende mudar ninguém, mas pretende fazer “um monte de coisas juntos”.

No entanto, se compararmos a entrevista dele com a dos “educadores”, podemos perceber que existe uma certa diferença. Os “educadores” parecem estar muito mais ligados a idéia de que o trabalho desenvolvido deve possibilitar a construção e “transformação” do “futuro”, enquanto Cláudio, embora acredite nela, confere maior “autonomia” ao processo. O próprio Cláudio parece consciente desta diferença, como aparece no trecho abaixo:

Talvez essa consciência dentro da equipe do Dando Bola esteja faltando ainda. É um processo, sabe?! Aí, estou colocando uma questão, num processo de construção de um projeto como esse, um projeto enorme, de desenvolvimento local, todo mundo enche a boca para falar que não é um projeto de ensino-aprendizagem. Mas a equipe às vezes acha que é um processo de ensino-aprendizagem onde nós sabemos e eles vão aprender. A gente vai aprender a fazer melhor, porque a gente já sabe fazer. Mas não é bem isso. Na verdade, a galera da equipe está aprendendo mesmo, está fazendo uma coisa que não sabe fazer, a gente não sabe fazer direito que é chegar junto. Propiciar espaço, instigar e acolher e deixar fazer, deixar brotar. Então, esse estímulo, em alguns pontos, eu acho que ainda está precisando ser maior. Dar mais estímulo, mais impacto. A equipe tem que estar mais consciente do seu lugar, que não é lugar de salvador da pátria, não.

É importante, no entanto, pensar esse “futuro”, presente no discurso dos “educadores”, com criticidade. Não se deve pretender apenas, nesse futuro, maiores oportunidades de inserção no mercado de trabalho. Isso seria, de certa forma, ainda limitante. Pensar o alargamento do *campo de possibilidades* é pensar também a democratização real desse *campo*. Buscar uma mera inserção no mercado de trabalho exclui por completo a possibilidade de se repensar e transformar a realidade. No fragmento da entrevista de Marco Aurélio, ele menciona o “cidadão do amanhã”, o que representa que o “futuro” não pode ser desassociado de um pensamento crítico.

No texto “Conceitos Norteadores da Proposta Metodológica”, existe um trecho que fala deste assunto com bastante clareza:

Embora convencidos da centralidade do trabalho nos processos de transformação social, bem como da vital importância de se buscar formas efetivas de geração de renda para jovens e suas famílias, ressaltamos que não pretendemos desenvolver unicamente oficinas de arte profissionalizantes, que tenham no mercado formal de trabalho seu horizonte salvador, mas abrir uma porta de entrada à Arte como forma de transformação e à cultura como base de qualquer projeto de desenvolvimento social sustentável; uma porta aberta à possibilidade de interagir criativa e criticamente com outros grupos e comunidades por meio de formas concretas de expressão. (CONCEITOS..., p. 14)

A “transformação” pretendida pelo SER não se limita, desta forma, à inserção no mercado de trabalho. Ela se baseia no desenvolvimento de uma identidade crítica e respaldada no coletivo.

Antes do final da aula de circo, ainda é feita mais uma “roda”. A “roda final” é de suma importância, pois é o momento em que se discutem os fatos acontecidos durante a aula. Discutem-se as atividades, quais foram bem e quais não foram, as relações que se desenvolveram no decorrer da aula, tentando resolver qualquer problema que possa ter ocorrido. O intuito maior desse momento é o de problematizar e levar os meninos e meninas a resolverem suas questões, sejam de aprendizado ou de interação.

Assim se expressa Nego da Bahia:

Ah! A gente separa e tenta conversar com as crianças. Acho que ali tem todas as classes, ali no Cerro tem todas as classes. Tem crianças que são rebeldes, tem crianças que são boas, tem crianças que são chatas, tem crianças que não ouvem, tem crianças que ouvem, tem crianças que gostam de bater, tem crianças que gostam de brigar, sabe, tem todas essas classes ali e a gente tenta diferenciar. A gente sempre, quando rola uma briga, claro que primeiramente ainda estamos aptos a separar essa briga e conversar com as crianças ou adolescentes para que não aconteça isso. Porque ali é um espaço de harmonia e de união. E se não tem união, pra que estar ali? Ali é um espaço de convivência, de troca de informações, igual aqui no *Se Essa Rua*.

Em sua fala, Nego da Bahia revela categorias de suma importância dentro da lógica desse universo. Ele faz uso da categoria “espaço de convivência”, que aparece em muitos documentos do SER. Esse espaço abre a possibilidade do diálogo, troca de informações e a fomentação da “harmonia” e da “união”. Na fala do Nego da Bahia, que segue a esse trecho, ele faz a contraposição desses conceitos com a “briga” e o “desentendimento”. Mostrando que, dentro da lógica

do SER, existe o desejo da construção de uma identidade que respeite as demais identidades.

Percebe-se também que os “educadores” reconhecem diferentes identidades dentro do grupo. Ele afirma que existem crianças boas, outras rebeldes, umas que ouvem e outras que não ouvem. Na possibilidade de que todas possam vir a viver de forma “harmoniosa” e em “união”, está presente o *potencial de metamorfose*. Portanto, esse “espaço de convivência” é um espaço, por excelência, onde este potencial pode se concretizar.

Apesar da informalidade com a qual a “roda final” se desenvolve, muitas vezes até um pouco bagunçada, esta atividade é levada a sério por todos os participantes. As crianças falam livremente dos acontecimentos e dos sentimentos gerados. São muitas vezes os próprios colegas que sugerem formas de resoluções das questões. Mas, apesar de todos estarem cientes da necessidade e das vantagens de se fazer a “roda final”, percebi, em algumas observações, que o processo foi um pouco confuso. Por exemplo, algumas crianças falavam entre si, sem ouvir o colega que estava se expressando. Em situações como esta, o “educador” geralmente lembra a todos da necessidade do “respeito” uns pelos outros.

Durante o decorrer das aulas de circo, não existe uma excessiva cobrança com relação a regras e ao cumprimento de ordens. Todavia, isso não significa dizer que não existam regras e que os meninos e meninas participantes do SER não as conheçam. A maioria das regras é decidida de forma coletiva. Durante as observações, não foi possível presenciar nenhum momento de formulação coletiva. No entanto, em entrevista com Marco Aurélio, ele afirmou ser no espaço da “roda” que essas regras são formuladas.

Eu acho que está mudando desde o momento em que a gente conseguiu criar com eles um espaço de convivência, onde tem regras, tem limites que são feitos com eles mesmos na roda.

(...)

Assim, a gente tem a roda, a roda inicial, no início da atividade e no final. Essa roda no início a gente planeja como vai ser e cada um traz sua proposta de como tem que ser o dia, entende?! E das regras nessa mesma roda é onde nós determinamos essas regras. Onde não pode ter briga, onde a gente não pode tratar o outro mal. Esse espaço é onde todos são iguais, ninguém é diferente de ninguém. E é esse tipo de regra, regra de convivência para a gente poder viver bem aqui dentro do espaço.

A formulação das regras, por ser feita por todos e visando ainda ao bom entendimento do grupo, revela a lógica que permeia as atividades do projeto: a lógica do coletivo. A ausência de brigas é um imperativo que aparece em sua fala como forma de constatar efetivamente se o coletivo está se formando de maneira “harmoniosa” ou não. E nos próprios termos de Marco Aurélio, esse coletivo é de “iguais”, o que nos mostra a busca de uma relação não hierárquica. As regras podem servir, dessa maneira, como balizas que ordenam a interação social e que podem propiciar a “transformação” nas atitudes.

As regras muitas vezes precisam ser lembradas, especialmente nos momentos em que surge algum conflito. No decorrer das observações muitas brigas e conflitos surgiram, o que atesta para o fato de que o “respeito” e a “reciprocidade” ainda não foram incorporados integralmente pelos meninos e meninas. Mas, apesar de não haver ainda essa total incorporação, em muitas ocasiões, pude observar alguns dos participantes do SER tomando para si as regras sem que algum agente externo, “educadores” ou os colegas, tenham que interferir. Em uma delas, havia um menino que estava assistindo de fora a aula sem participar, quando foi perguntado sobre o motivo pela qual ele só olhava os outros. Ele respondeu: “Não, porque cheguei atrasado”. Existe uma regra que impede as crianças e adolescentes de participarem da aula de circo se chegam muito depois do seu início. Durante a primeira apresentação no Cerro-Corá, algumas crianças não puderam participar, estavam cientes de que não freqüentaram os ensaios e, portanto, não poderiam se apresentar. Em alguns momentos de resolução de problemas, em que as regras não estão sendo seguidas, os “educadores” relembram que aquela regra foi decidida por todos e que é necessária para o bem-estar coletivo e individual, embora tenha observado circunstâncias em que, a meu ver, elas deixaram de ser lembradas.

Durante as aulas, existe uma cobrança para que os meninos e meninas estejam atentos às atividades que estão desempenhando. Essa cobrança, todavia, não é autoritária. Ela existe no sentido de questioná-los do intuito de estarem ali e da necessidade de se concentrarem. A cobrança vem também dos pares. Eles se cobram para que um não atrapalhe o outro. Em uma das observações, uma criança começou a assobiar e uma outra pediu silêncio para que um terceiro pudesse se concentrar na hora de subir os panos. Houve, na verdade, uma cobrança de respeito por quem estava tentando fazer uma atividade difícil.

Esse tipo de metodologia, onde o questionamento se faz presente e onde os meninos e meninas são encorajados a pensar de forma autônoma, contribui para que suas identidades, de igual forma, também possam se tornar mais autônomas.

A forma coletiva de construir e participar das regras é fundamental na construção de uma visão de “comunidade” e de coletividade. As regras não devem, a meu ver, ser autoritariamente impostas, mas elas devem sim ser elaboradas por todos, atendendo à necessidade de melhoria do convívio social.

Não existem muitas punições para o não cumprimento das regras. Mas, em algumas circunstâncias, os “educadores” conversavam e diziam que iriam ou tirar algum equipamento ou retirar alguém da aula se não respeitassem seus colegas. É discutido como alguma atitude pode ser prejudicial ou até mesmo perigosa dentro das atividades circenses.

No final de cada aula, após todo o material ser guardado por todos, é distribuído um lanche para aqueles que participaram da aula. Organiza-se uma fila e algumas crianças ajudam na distribuição. Já é um momento de descontração, mais informal, onde alguns começam a correr, a ir embora ou a conversar mais animadamente. Porém, mesmo neste momento, a lógica do coletivo se faz presente. O lanche é servido pelos “educadores” e também pelas próprias crianças, o que ajuda a reforçar a idéia de ajuda mútua.

Durante o período de pesquisa, também foi possível a observação de uma apresentação e de uma festa junina. A apresentação foi a primeira feita na “comunidade” desde que o projeto Dando Bola Para a Vida iniciou-se. Antes do começo da apresentação, as crianças e adolescentes estavam excitadíssimos. Era uma correria só. Uns colocavam a roupa, outros a maquiagem, enquanto outros ficavam andando de um lado para o outro sem saber bem o que fazer. A “comunidade” foi enchendo a quadra aos poucos, até que, na hora do espetáculo, já não havia muito espaço para sentar na arquibancada. Havia crianças menores sentadas nos colos e muita movimentação.

Na apresentação, teve malabarismos, alguns solos na passadeira, aéreos no trapézio e nos panos, palhaço fazendo palhaçada, monociclo e perna-de-pau. Quando algum movimento espetacular ou difícil era realizado, a platéia demonstrava sua surpresa com palmas e gritos. Todos os comentários no decorrer do espetáculo eram de apreciação e deslumbramento. E, realmente, não tinha

como ser diferente. Não se poderia imaginar que crianças e adolescentes tão novos fossem capazes de fazer tanta coisa e de superar tão grandes desafios.

Após a apresentação do circo, teve também a apresentação de um teatrinho que havia sido ensaiado nas aulas de arte-educação. Apesar de um pouco mais confuso e difícil de entender, pois os integrantes falavam um pouco baixo, trouxe a mesma euforia ao público.

O momento das apresentações é de fundamental importância para o desenvolvimento dos meninos e meninas que participam do Se Essa Rua. É neste momento que eles descobrem a razão de tanta dedicação. A mágica do circo se torna real quando roupas coloridas são vestidas, quando os equipamentos são pegos com maior garra e quando o público é encarado. Muitas crianças falavam antes do quão nervosas e animadas estavam, um misto de euforia e inquietação.

Mas, além de ser o momento de mostrar a todos o que estava sendo treinado por tanto tempo, é também o momento de se estreitar um elo do Se Essa Rua com a “comunidade”, como diz o “educador” Marco Aurélio:

A importância é porque, assim, os pais sabem que os filhos estão lá fazendo atividades. Mas eles não estão acompanhando, eles não estão acompanhando o resultado que está acontecendo. Então, essas festas, essas apresentações, são uma das coisas que faz com que mostre pra toda a comunidade o resultado do trabalho que está sendo desenvolvido ali. A comunidade pode apreciar e pode, naquele momento, ali, ver que realmente o filho dela não está perdendo tempo lá. Alguma coisa está sendo construída. Então, são muito importantes também essas festas e apresentações para a comunidade apreciar, estar mais junto, entende?! Também é um momento onde os pais podem estar mais juntos das crianças e adolescentes. No último espetáculo que teve lá, muitos pais choraram porque não sabiam que os filhos faziam aquilo, não sabiam que os filhos cresceram tanto. Então, foi um momento meio que os moradores realmente aceitaram o projeto, abraçaram a idéia, porque eles viram que realmente vale a pena.

Como Marco Aurélio ressaltou, é importante para os pais e para a “comunidade” como um todo ver o que as crianças e jovens estão fazendo naquele espaço. A apresentação ajuda os moradores do Cerro-Corá a confiar mais no trabalho que está sendo desenvolvido ali. Esse tipo de apoio se torna fundamental quando se deseja ampliar o trabalho que é realizado dentro da própria “comunidade”.

Ele fala também em “construção”, ressaltando a importância do trabalho pedagógico realizado pelo SER. E essa “construção” não é somente no sentido do desenvolvimento individual de cada criança ou adolescente, mas é uma “construção” coletiva que visa a inseri-los mais ainda dentro da “comunidade”.

Fátima, além de trabalhar para o Se Essa Rua como “agente comunitária” e moradora do Cerro-Corá é também mãe de uma participante do projeto. Ela tem uma visão privilegiada, pois ela vê tanto o intento do SER como também as repercussões na “comunidade”. Sobre o tema da importância das apresentações, ela afirmou em entrevista:

Fátima: Então, foi um momento meio que os moradores realmente aceitaram o projeto, abraçaram a idéia, porque eles viram que realmente vale a pena.

Entrevistadora: Era sério....

Fátima: Era sério, é. Eles falam muito de projeto que já foi pra comunidade fica um ano e vai embora. Projeto que chega falando mil coisas e não acontece nada. Então, no início, eles achavam que nós fôssemos mais um desses. Então, depois desse espetáculo, mudaram o conceito deles. Foi muito legal.

A apresentação é igualmente importante para os meninos e meninas que participam, pois possibilita o aumento da auto-estima deles. As palmas e os gritos recebidos no espetáculo são o reconhecimento de um trabalho duro e muita dedicação. Esse orgulho é percebido tanto nas falas deles como também pelo brilho no olhar. Esse orgulho e auto-estima elevados possibilitam maior autoconfiança, que é fundamental em qualquer processo de “transformação”, podendo ampliar, assim, o *potencial de metamorfose* que eles têm. A meu ver, a falta de segurança paralisa, enquanto a autoconfiança faz mover. Em entrevista, uma criança falou:

Entrevistadora: E o que você acha da apresentação?

João: Da apresentação eu acho bom. Quando eu fiz minha primeira apresentação, eu fiquei com medo, aí, depois, me acostumei.

Entrevistadora: E como é que você se sentiu quando acabou a apresentação?

João: Aí eu me senti bem. Aí, no caso, a gente ficou falando.

Entrevistadora: Todo mundo ficou elogiando?

João: É

Espera-se que, em certa medida, a autoconfiança sentida pelas crianças e adolescentes que se apresentaram possa ser sentida também pelos espectadores, criando-se um laço entre o espectador e o circense, e que a superação de desafios vivenciada pelo circense também possa ser sentida pelo espectador. Há, desta maneira, a possibilidade de se pensar o *potencial de metamorfose* também para a “comunidade” na qual as crianças e adolescentes estão inseridos. O circo pode transmitir orgulho e a idéia de que são capazes de muito mais do que imaginavam.

A segunda apresentação foi durante a festa junina. As crianças, adolescentes e os “educadores” haviam preparado uma quadrilha. Antes da festa, em conversa com Ana Paula, coordenadora do projeto Dando Bola Para a Vida, ela confidenciou que havia deixado a organização da festa mais nas mãos das mães, diferentemente do primeiro espetáculo, propiciando, assim, uma situação onde elas pudessem se mobilizar e se organizar. Ela queria ver quais seriam as lideranças que iriam surgir. Essa idéia e forma de agir são coerentes com a visão teórica do Se Essa Rua: fomentar espaços e situações em que esse coletivo possa ser criado. Gerar mobilização em torno de uma necessidade coletiva, nesse caso a festa, é necessário se a “comunidade” quiser se unir e lutar por “transformações”. Ana Paula estava um pouco apreensiva sem saber se daria tudo certo ou não. Posteriormente, em entrevista, ela afirmou que o elo com a “comunidade” foi importante para que algumas atividades do projeto pudessem acontecer.

É essencial para desenvolver o trabalho junto às crianças e adolescentes. Acredito que é a própria razão do nosso trabalho a parceria com a comunidade. A comunidade vem, cada vez mais, participando de nossas atividades e propondo atividades também. Tivemos, neste ano de 2005, vários eventos que, se fossem sem o apoio da comunidade, poderiam não acontecer. Por exemplo, a festa junina e o mutirão do grafite.

É da intenção de todos os “educadores” fazer com que a “comunidade” seja mais ativa na luta pelos seus interesses, como afirma o Nego da Bahia:

Acho que a comunidade, ela interage e tudo com a gente. Por exemplo (...) nós do projeto, quando fazemos uma festa ou tem espetáculo pra fazer com as crianças da comunidade, a gente sempre tenta, claro que eu e Marco Aurélio nós não introduzimos assim diretamente nas casas pra ir conversar. Tem assistente social pra isso, tem outra equipe para fazer isso. Então essa equipe vai nas casas e conversa com as mães, sabe. E as mães têm todo o direito e o prazer de colaborar conosco.

Porque não é simplesmente o projeto chegar lá e só fazer o trabalho e a comunidade ficar de fora (...) Por exemplo, como falei de espetáculo, estão precisando de figurino. Tem mães que, se levar isso para elas, elas se interessam em estar interagindo conosco. Tem mãe que é costureira e pode fazer alguns figurinos se a gente levar o pano pra ela (...) Porque o projeto está ali não só pra trabalhar com as crianças, mas pra trabalhar com as famílias também. E, assim, eu acho que a família tá super integrada no trabalho.

A “integração” surge como uma categoria importante dentro da lógica do trabalho desenvolvido pelo SER. Eles buscam um diálogo com a “comunidade” e com as famílias das crianças e adolescentes.

No texto “Estudo de caso – Família”, Queila faz menção à necessidade de se criar estratégias que reforcem os vínculos que as crianças e adolescentes têm com a família:

Nos meses subseqüentes procedeu-se com contatos diretos com as crianças nas atividades, criando junto com a equipe estratégias, que favorecessem o fortalecimento dos vínculos familiares, focando inclusive no comportamento agressivo das crianças identificado na convivência com outras e com os educadores. (ESTUDO..., p. 3)

Na semana da festa, as crianças e os “educadores” dedicaram muito tempo decorando a quadra. Revistas foram recortadas para fazer correntes de papel e bandeirinhas. As paredes e o teto foram todos cobertos por um emaranhado de cor. Uma notificação informal, de boca em boca, foi lançada para que todos que jogassem bola na quadra naquela semana tivessem cuidado para não jogar bolas altas e estragar a decoração. Os meninos e meninas, mais uma vez, tiveram orgulho de como o espaço, dividido por eles coletivamente, ficou.

No momento da festa, tudo estava em ordem. As comidas providenciadas pelas mães chegaram. As crianças estavam todas com roupa caipira. A música estava tocando e a festa começou. Dentro da quadra, no entanto, ficaram as pessoas ligadas ao Se Essa Rua e as crianças. Os adultos, membros da “comunidade”, ficaram na parte de fora da quadra, onde tem o bar. Foi curioso perceber como só entravam na beira da quadra e depois saíam novamente. Instalou-se uma cartografia social bem distinta que demonstrava que a “comunidade” ainda não se sente tão à vontade naquele espaço de convivência e que mais trabalho, talvez, tenha que ser feito para desenvolver melhor essa relação.

Nas duas entrevistas com mães de filhos participantes do projeto, percebi que existem algumas pessoas na “comunidade” que não gostam do trabalho realizado pelo projeto Dando Bola Para a Vida. Cada uma deu uma explicação diferente, mas o que se depreende é que o elo com a “comunidade” ainda não foi selado completamente. O primeiro trecho é da entrevista com Conceição:

Muitos criticam. Quantas vezes a gente passa e vê muitas mães criticando: Não deixo meus filhos irem ali porque ali é uma bagunça, ali é não sei o que. Muitos eu escuto criticar. Mas eu não tenho nada que falar não, minha filha está bem aí.

O segundo trecho é da entrevista com Ana:

Tem gente que gosta, tem outras pessoas que, sinceramente, não gostam. Nem sempre quer saber como é que vai o filho, se está gostando, o que é que passa pela cabeça dos filhos, entendeu? Que elas mesmas não esquentam a cabeça. Algumas esquentam, outra não.

Essa limitação que ainda existe na relação com a “comunidade” é reconhecida pelo SER. Queila disse em sua entrevista que tem pais, raros segundo ela, que não gostam do projeto porque não querem que seus filhos “se misturem” com outras crianças que, do seu ponto de vista, não são “bacanas”. O que demonstra que, dentro da “comunidade”, existe uma hierarquização e até mesmo uma discriminação de certas pessoas. No entanto, a maioria dos pais é muito “grata” ao projeto pelo trabalho que tem feito com seus filhos.

Apesar de os adultos da “comunidade” terem ficado do lado de fora da quadra, no momento da quadrilha, todos entraram para assistir. As crianças tiveram mais uma chance de mostrar sua capacidade. A quadrilha incluía movimentos avançados e ousados, o que ressaltava ainda mais o talento com que foram realizados. Ao final, foram parabenizados com muitas palmas e gritaria. E, mais uma vez, os meninos e meninas participantes do projeto Dando Bola Para a Vida encheram-se de orgulho.

O contato com a “comunidade” e com os pais é feito de maneira informal pelos próprios “educadores” ou de maneira mais formal pela assistente social do Se Essa Rua. A esse respeito, a “educadora” Rita disse em entrevista:

Tem um elo mesmo muito grande do *Se Essa Rua* com a comunidade. O trabalho que é feito com as famílias também. A ida do pessoal do serviço social, da Queila, nas casas para identificar os problemas, também ajuda bastante a aproximação das famílias das crianças ao projeto. Algumas crianças somem por outros motivos. A gente vai lá tentar saber, tentar buscar essa criança novamente para o projeto. Então, é esse trabalho mesmo que vai ajudando a crescer cada vez mais, a fortalecer o espaço.

Apesar de haver uma pessoa específica, no caso a assistente social, para o contato mais formal com os pais e com a “comunidade”, nas entrevistas com os “educadores”, foi possível perceber que eles também se sentem responsáveis por manter essa relação.

A própria “comunidade” procura os “educadores” se estão tendo alguma dificuldade com seus filhos ou se seus filhos estão passando por algum problema nas próprias aulas de circo. O “educador” Nego da Bahia contou que, certa vez, um menino estava implicando com o outro porque seu pai estava preso. Então, a mãe do ofendido veio pedir que o “educador” fizesse algo para ajudar a resolver a situação. Marco Aurélio também confirmou essa tendência, como vemos neste trecho de sua entrevista:

Atualmente, tem pais que, quando podem, vão lá conversar com a gente, passam, para ver se tem alguma dificuldade com o filho pra saber se podem ajudar. Então, faz esse intercâmbio, está bem mais próximo, entende?!

O elo desenvolvido com a “comunidade” também é importante, pois auxilia na construção de um *projeto* coletivo. Se pensarmos, nos termos de Alfred Shultz (1976 apud VELHO, 2003), que o *projeto* representa procedimentos organizados com o intento de se atingir determinados fins, então, para a construção de um *projeto* coletivo, dentro do contexto do projeto Dando Bola Para a Vida, seriam necessários a mobilização e envolvimento de todos da “comunidade”.

As crianças e jovens que foram entrevistados, em sua maioria, disseram que as mudanças que haviam ocorrido em suas vidas depois de começarem a participar do SER eram relacionadas ao aprendizado circense. Mas três deles disseram que haviam mudado de comportamento, adotando atitudes mais respeitadas com relação aos outros. Na verdade, uma das entrevistadas não falou que melhorou o seu comportamento, mas, no momento da entrevista, algumas crianças gritaram no fundo que ela não batia mais tanto nos outros.

Entrevistadora: E você acha bom por quê?

Carla: Porque eu aprendo diabolô, aprendo cambalhota, aprendo a fazer é... (voz ao fundo de menino: *a bater menos em gente*)

Carla: Aprendo a fazer monociclo.

(...)

Entrevistadora: E na sua vida, mudou alguma coisa?

Carla: Não mudou nada.

Entrevistadora: Não mudou nada? Mas ele acabou de falar que você bate menos nas pessoas. Você aprendeu isso ou mais ou menos?

Carla: Aprendo. Bato mais ou menos na pessoa.

Entrevistadora: Antes você batia muito?

Carla: É porque as pessoas implicavam, e também batia em mim eu também batia.

Entrevistadora: E agora como está isso?

Carla: Agora ninguém está me batendo não.

Entrevistadora: E o que você faz pra não bater nos outros também?

Carla: Eu faço o possível pra não bater em ninguém porque, quando alguém implica, eu falo: vou falar com tua mãe ou então vou falar com o professor. Aí fica tudo bem.

Outro depoimento:

Entrevistadora: E aqui na comunidade você acha que mudou alguma coisa depois que o *Se essa rua* veio pra cá?

Paulo: Mudou

Entrevistadora: O que mudou?

Paulo: Porque aqui a maioria das crianças ficavam fazendo besteira na rua agora eles vieram pro projeto pô. Já não estão tão bagunceira como era na época. Na época eles ficavam desligando o relógio da casa dos outros.

Entrevistadora: (risos)

Paulo: Até eu ficava, pra falar a verdade.

Entrevistadora: (risos) Você não desliga mais não?

Paulo: Agora não.

Ainda outro depoimento:

Entrevistadora: E você acha que mudou alguma coisa na sua vida depois que você veio pra cá fazer isso?

Marcelo: Mudou.

Entrevistadora: O que mudou?

Marcelo: A bagunça.

Entrevistadora: (risos) A bagunça? Você não faz mais bagunça agora?

Marcelo: Não, faço menos.

Entrevistadora: E você faz menos bagunça aonde? Em casa, na escola?

Marcelo: Faço na escola.

Entrevistadora: E por que você faz menos bagunça agora que você começou a vir pra cá?

(...)

Marcelo: Ah não sei...me desenvolvi mais.

Essas três entrevistas mostram como algumas crianças, mesmo não usando os termos “reciprocidade” e “respeito”, estão, de alguma forma, incorporando, tais atitudes em suas ações diárias.

As mães entrevistadas consideraram o trabalho importante, já que ajuda a tirar suas crianças do “sobe e desce” na “comunidade”. Essa movimentação ociosa é temida, porque é quando as crianças e jovens aprendem “o que não presta”. Nas entrevistas, ninguém usa a palavra “tráfico”, mas pode-se perceber que ela é uma preocupação real dos pais. Abaixo, está um trecho da entrevista de Conceição:

Nela eu achei que mudou, que só assim ela tem uma ocupação, não fica andando por aí para baixo e para cima como ela andava. Agora não. Agora tem isso aqui. Eu sei que ela está aqui direitinho.

A mesma preocupação aparece na entrevista da Ana:

Eu acho maravilhoso. Maravilhoso. É muito bom mesmo. Entendeu? Muito bom na comunidade que sem fazer nada que... criança que mora aqui só aprendia o que não presta. Então é muito bom.

O “educador” Nego da Bahia também reforça esse tipo de pensamento na sua entrevista:

Muitas vezes, as crianças só ficavam jogando bola no morro, ficavam correndo pela comunidade. Muitas das vezes saía tiroteio, polícia chegava e as crianças perambulando pela rua. Então, o circo chegou. Já foi um impacto, porque todas as crianças da comunidade, em vez de ficar na rua brincando ou em casa vendo televisão ou jogando vídeo game, ou jogando vídeo game na comunidade, vão pra quadra e ficam ali brincando, fazendo atividades, sabe. Isso que é o impacto. O Impacto é esse. A comunidade e as crianças sabem que ali tem um espaço de atividades que é pra eles. Que o espaço deles ficavam de bobeira na rua, aquele espaço já acabou. Tem uma coisa que pode estar prendendo eles ali na comunidade que é atividade de circo.

Também em entrevista, Fátima, a respeito das mudanças dentro da “comunidade” desde o começo do projeto Dando Bola Para a Vida, revelou:

Entrevistadora: E dentro da comunidade, você acha que trouxe alguma mudança para comunidade em si?

Fátima: Para algumas mães trouxe. Algumas mães que não ligavam muito pros filhos, achavam que os filhos não aprendiam. Achavam que os filhos eram só umas

crianças. Hoje, ela vê que os filhos dela além de serem crianças são também responsáveis de chegar aqui e aprender, chegar em casa e fazer também. Alguns, nem todos. (...)

Entrevistadora: E a comunidade como é que vê o trabalho do *Se Essa Rua?*

Fátima: Acho que vê com bons olhos, porque se não visse era tanta crítica. E, ao contrário, a gente tem ouvido muitos elogios. Eu também gosto!

Cláudio, coordenador de projetos do SER, diz, mais uma vez, que o “impacto” do trabalho realizado pelo projeto traz mudanças, mas essas mudanças são de responsabilidade de cada um, de forma autônoma, e não do projeto diretamente, sob a forma de “resultados”:

Então, o que estou fazendo lá? Eu estou brincando: mudança. Isso já é um barato. O que estou fazendo? Estou aprendendo a lidar com meu corpo. Mudança. Não é um mecanismozinho, aí tem uma mudança. Eu vejo meu corpo de maneira diferente, eu cuido do meu corpo com mais cuidado. E essa relação, pela própria dinâmica do circo social, eu estou cuidando do outro, estou aprendendo a cuidar do outro. Então eu me preocupo com o outro: se está fazendo direito, se não está fazendo direito. Se brigou, se não brigou. Essa coisa de aprender a botar a mãozinha quando o outro vai dar um mortal para ajudar. Isso já vai me colocando de uma maneira diferente no meu estar no mundo. Então, eu passo a estar no mundo de maneira diferente. Então, eu vejo que estou também discutindo umas questões. Não necessariamente quando alguém faz uma coisa que eu não gosto, eu encho de porrada ou saio correndo. Eu posso conversar, discutir, avaliar. Então o meu estar no mundo vai mudando, (...) Aí, lá em casa, o pessoal acha um barato. Pela primeira vez, os meus pais param para me ver. Maneiro, eu sou visto. Então tudo isso... é difícil cair num relatório isso, mas isso é a mudança, é a própria mudança. Agora, o que cada uma dessas crianças, daquele “eu” que eu estava colocando, o que eu vou fazer com isso tudo é problema meu. Não é problema do projeto.

Segundo Fátima, o impacto sentido não se restringe às crianças e adolescentes que participam do SER. Ela percebe também as repercussões nas famílias deles. Ela afirma que algumas mães não “ligavam” para seus filhos e achavam que seus filhos eram “só crianças”. Mas, com o trabalho realizado, algumas já percebiam que, mesmo sendo crianças, eram responsáveis pelo aprendizado no projeto e que poderiam também ser responsáveis em casa.

Não pretendo, no entanto, a partir das observações e entrevistas realizadas no projeto Dando Bola Para a Vida do Se Essa Rua Fosse Minha, afirmar que já

foi alcançado, de forma efetiva, o alargamento do campo de possibilidades e do potencial de metamorfose. O processo de “transformação” é longo e não pode ser percebido em sua totalidade em tão pouco tempo, posto que o projeto só atua no complexo do Cerro-Corá há menos de dois anos. Também não se pode afirmar que o projeto Dando Bola Para a Vida já tenha atingido a todos os seus objetivos⁵, nem afirmar que serão todos atingidos futuramente. Nem almejo fazer, do trabalho deles, qualquer tipo de idealização romantizada.

Com relação aos objetivos do projeto, Ana Paula afirmou em sua entrevista que alguns foram atingidos e outros não:

Sim e não. Sim, porque quando percebemos que em dois anos já temos resultados importantes como formação de uma rede social do Cosme velho. Que temos uma parceria com as escolas públicas e particulares; temos 110 crianças e adolescentes sendo acompanhados e mais de 1320 crianças e/ou adolescentes participando de atividades conosco. Temos mais de 70 famílias sendo acompanhadas diretamente e mais de 150 indiretamente. Estes são resultados expressivos que posso levantar como resultados do projeto. Porém, ainda temos muito que construir para falar de “todos” os objetivos. Por este motivo também digo que não. Não, porque os objetivos do projeto como um todo é influir em políticas públicas para garantias de direitos para crianças adolescentes e jovens das classes populares e em especial aquelas que estão em situação de vulnerabilidade social. Nesse sentido, temos muito a construir.

Tampouco pretendo associar todas as mudanças já ocorridas na vida das crianças, adolescentes e até mesmo na “comunidade” à exclusividade do trabalho desempenhado pelo projeto. Fazer isso seria negar que existem outras *negociações* sociais capazes de gerar “transformação”.

Meu intuito é muito mais o de mostrar o que tem sido feito no sentido da expansão do *campo de possibilidades* e do *potencial de metamorfose* dos participantes e o de perceber o trabalho desenvolvido no sentido da construção identitária e do desenvolvimento da “autonomia” e da “reciprocidade”, levantando questões pertinentes para a educação.

⁵ Ver a página 40 com a citação do objetivo geral do projeto.